

AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS: QUESTÕES TEÓRICAS

PROPAROXYTONES ACQUISITION: THEORETICAL ISSUES

Arthur Vargens

<arthurvargens@hotmail.com>

Doutorando em Língua e Cultura, área de concentração em Línguas, Linguagens e Culturas Contemporâneas – PPGLinC

– Universidade Federal da Bahia

<http://lattes.cnpq.br/2214751697300267>

RESUMO

Este trabalho é uma revisão a respeito dos principais modelos teóricos sobre o desenvolvimento linguístico e sobre o desenvolvimento fonológico de crianças, associando-se esses modelos teóricos ao que já se obteve de dados sobre a aquisição de palavras proparoxítonas no português brasileiro. Com base em alguns dados de pesquisa diversos, é possível obter uma prévia de descrição da produção de vocábulos de padrão proparoxítono por crianças em fase de aquisição do português como língua materna, em diferentes faixas etárias, no sentido de manterem o formato acentual proparoxítono ou modificarem esse formato para um oxítono ou paroxítono. A partir dessa prévia, traça-se um panorama das teorias de aquisição de língua materna, com postulações de como cada uma delas explicaria a produção não proparoxítona por crianças com menos de dois anos de idade. O texto começa abordando as quatro principais teorias sobre o desenvolvimento linguístico, que são o behaviorismo, o inatismo, o cognitivismo e o interacionismo; em seguida, parte para as teorias de desenvolvimento fonológico – os modelos biológicos e cognitivos e a Fonologia Não Linear, e finaliza com considerações sobre o que seria necessário para que cada uma dessas teorias de aquisição explicasse o processo de aquisição de proparoxítonas no português brasileiro.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; português como língua materna; padrões acentuais; proparoxítonas.

ABSTRACT

This paper reviews the main theoretical approaches about linguistic development and phonological acquisition in children, in so far as these theoretical approaches are associated to already collected data on the acquisition of proparoxytone words in Brazilian Portuguese. Based on collected data from different researches, it is possible to get a tentative of description of the production of proparoxytone pattern vocabulary items across different age groups of children who is acquiring Portuguese as a first language, in order to detect if the proparoxytone format is maintained by these children or if they change the accentual format of the words to oxytone stress or paroxytone stress. From this preview, it is possible to trace how each of the acquisition theories may explain most non-proparoxytone productions in early ages (until two years old) and most proparoxytone productions in later ages (from three years old). This paper begins reviewing the four principals theories of language development – behaviorism, innatism, cognitivism, interactionism; then, it presents theories on phonological development – biological and cognitive theoretical models an Non-Linear Phonology. It ends with considerations drawn about what would be necessary for each of these theories to show some kind of evidence in explaining the acquisition of proparoxytone words in Brazilian Portuguese as a first language.

Keywords: Language Acquisition; Portuguese as first language; stress patterns; proparoxytones.



1 INTRODUÇÃO

Encontrar uma teoria que dê conta da aquisição de proparoxítonas não é uma tarefa simples. Primeiramente, porque o lugar das proparoxítonas no português brasileiro (doravante PB, em contraste com PE – português europeu) parece ser tema tão decidido pela literatura (ARAÚJO et al, 2007) que poucos se interessam em se debruçar sobre ele. Além disso, a aquisição da prosódia do PB é um campo ainda pouco explorado se comparado a outros e os trabalhos que se dedicam à aquisição dos padrões acentuais ainda são divulgados de maneira bastante tímida. Em virtude disso, faço um apanhado de algumas teorias aquisicionais e seus possíveis olhares para o que temos de dados até então, como veremos agora.

Os dois únicos trabalhos já desenvolvidos sobre aquisição de proparoxítonas são o de Ferreira-Gonçalves (2010) e o de Vargens (2012). São trabalhos bem distintos em termos de metodologia, *corpus* e filiação teórica. Além desses dois, existem alguns trabalhos sobre outros temas, mas que disponibilizam importantes dados, como é o caso de Rapp (1994). Para esse panorama, não considero todos os dados disponíveis em Vargens (2012), mas apenas os da classe A (filhos de pais com nível superior). Para a classe C (filhos de pais com nível fundamental, no máximo) não é possível fazer uma estimativa, pois as produções nos dados não demonstram nenhum processo de desenvolvimento ou aquisição do modelo prosódico adulto, mas produções padrão e não padrão que são descontínuas ao longo das faixas etárias; isso se explica com informações sociolinguísticas (ARAGÃO, 2000; SILVA, 2006; CASTRO, 2008; LIMA, 2008; SILVA FILHO, 2010; CARVALHO, 2010), através das quais depreendemos que a produção não proparoxítona é comum na fala adulta de falantes não escolarizados; assim, muitas vezes, essas crianças já incorporam o padrão acentual proparoxítono como paroxítono; como não é possível recuperar o ambiente de escuta dessas crianças, desconsidero esses dados neste trabalho específico e deixo para trabalhos direcionados a estudar esses fenômenos nas crianças classificadas como integrantes da classe C.

Com base nos trabalhos de Rapp (1994), Ferreira-Gonçalves (2010) e Vargens (2012), o que temos de indicativos sobre o desenvolvimento das proparoxítonas na linguagem das crianças é o seguinte:

- De 1;6 (um ano e seis meses) a 2;0 (dois anos), as produções proparoxítonas são raras.
 - De 2;1 (dois anos e um mês) a 3;0 (três anos), as produções proparoxítonas ocorrem em aproximadamente 50%; a natureza das consoantes que compõem os vocábulos exerce influência fundamental nesses resultados.
 - De 3;1 (três anos e um mês) em diante, a produção proparoxítona começa a se estabilizar.

A forma mais comum de a criança lidar com o formato prosódico-lexical da palavra é reduzindo-a, tornando-a paroxítona. Isso se dá, geralmente, por coalescência intersilábica, estratégia de simplificação fonológica (TEIXEIRA, 2012a) em que duas sílabas se fundem. No caso das proparoxítonas, a coalescência que resulta num formato prosódico diferente do padrão pode se dar:

- Entre a sílaba tônica e a postônica não final, como em ÔNIBUS > ÕIBUS (Cf. VARGENS, 2012) – e formas variantes dessa;
- entre as duas postônicas, como em ÓCULOS > OCLOS (Cf. VARGENS, 2012) e formas variantes dessa.

Existem, também, em poucos casos e geralmente nos estágios mais iniciais, redução por elisão total de sílaba, como em PLÁSTICO > PLÁSTI (FERREIRA-GONÇALVES, 2010). Os mesmos resultados dos processos fonológicos na fala infantil são também encontrados na fala adulta, em dados sociolinguisticamente marcados (ARAGÃO, 2000; SILVA, 2006; CASTRO, 2008; LIMA, 2008; SILVA FILHO, 2010).

Para abordar as teorias, coloco, aqui, a seguinte questão: por que as crianças tendem a não produzir as proparoxítonas até os 2 anos de idade e passam a produzi-las normalmente após os 3 anos? O que busco, aqui, é entender como cada teoria explicaria esse acontecimento. Por não existirem trabalhos produzidos sobre as teorias relacionando-as às proparoxítonas (com exceção do de Ferreira-Gonçalves, bem demarcado teoricamente), o que coloco a seguir não são

considerações fatídicas sobre a questão teórica e o objeto de estudo, mas **suposições** de como cada uma das teorias olharia para o objeto.

Início com as principais perspectivas teóricas em Aquisição da Linguagem (doravante AL), sobre o desenvolvimento linguístico; a saber: behaviorismo, inatismo, cognitivismo e interacionismo. Em seguida, parto para teorias sobre o desenvolvimento fonológico que apresentam algum grau mínimo de adequação ao objeto de estudo aqui tratado (as proparoxítonas): os modelos teóricos biológicos e cognitivos e as tendências pós-gerativistas. Ao final, algumas considerações. As informações que seguem nos próximos dois tópicos a respeito das teorias se inserem na vasta literatura sobre as teorias de desenvolvimento linguístico e fonológico, aqui representadas por Scarpa (2004), Del-Ré (2006) e Teixeira (2012b).

2 POSSÍVEIS OLHARES DAS PRINCIPAIS PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO

As quatro principais teorias sobre o desenvolvimento linguístico – behaviorismo, inatismo, interacionismo e cognitivismo – são, antes de teorias que tratam da aquisição e do desenvolvimento da linguagem, teorias sobre a origem da linguagem na espécie humana. Frederic Skinner defendia que a linguagem surge a partir da repetição; Noam Chomsky, que a linguagem é herdada biologicamente na espécie humana; Jean Piaget, que a linguagem não é modular e surge no momento em que o indivíduo atingiu a maturidade cognitiva necessária para a linguagem; Lev Vigotsky, que a linguagem é resultado da interação. (SCARPA, 2004; DEL-RÉ, 2006)

Essas teorias tiveram desdobramentos posteriores, em pesquisas específicas e derivaram teorias específicas para o desenvolvimento gramatical, lexical, semântico-discursivo e fonético-fonológico. Elas são assumidas, então, enquanto perspectivas teóricas ou tendências teóricas, que norteiam pesquisas em AL.

Para abordar a aquisição de proparoxítonas em qualquer uma dessas perspectivas, é preciso considerar dois vieses: o léxico proparoxítono e o acento proparoxítono; o primeiro diz respeito à existência das palavras proparoxítonas no repertório lexical da criança; o segundo, da produção prosódica dessas palavras pela criança. Cada um deles terá sua carga de influência sobre a produção infantil, em maior ou menor grau com cada uma das teorias.

2.1 BEHAVIORISMO

A teoria de grande destaque no fim do século XIX e início do século XX foi o behaviorismo. Essa teoria, originalmente pertencente à Psicologia, preconizada por Pavlov, teve seu destaque na Linguística pela corrente estruturalista. Segundo Scarpa (2004), um de seus representantes foi Skinner (1957 apud SCARPA, 2004), por meio do seu livro *Comportamento verbal* – posteriormente contestado por Noam Chomsky.

Para os defensores do behaviorismo, a linguagem é adquirida a partir de um esquema estímulo-resposta-reforço. Assim, a criança aprende a partir das respostas do adulto a suas necessidades. Se uma criança deseja água, ela aprende que conseguirá seu desejo através da palavra ÁGUA. Ela tem um estímulo – a água, seu objeto de desejo –, diz a palavra e obtém a resposta positiva – a água lhe é entregue pelo adulto – e, em seguida, o adulto repete a palavra, confirmando que sua produção foi a esperada. Ela aprende que a palavra é ÁGUA de tanto ouvi-la do adulto.

Um olhar behaviorista para a aquisição das proparoxítonas no PB pressupõe a produção de palavras proparoxítonas repetidas vezes pelo adulto. Em relação ao léxico, o vocábulo proparoxítono se tornará conhecido e usual da criança, na medida em que a criança conhece o seu conceito e precisa dele. A criança passará a dizer XÍCARA da mesma forma que aprendeu a dizer ÁGUA. Nesse sentido, o vocábulo proparoxítono será bem posterior aos outros, com outros modelos prosódicos em PB; isso porque são poucas as palavras que estão no universo de necessidades das crianças. Entre elas, algumas como XÍCARA, ABÓBORA, que fazem menção ao campo semântico da alimentação, posteriormente, VELOCÍPEDE, BINÓCULO e MÁGICO, que entram no campo de entretenimento da criança. Vale ressaltar que palavras como VELOCÍPEDE e ABÓBORA são facilmente substituíveis por sinônimos regionalistas (MOTUCA e JERIMUM, respectivamente). Algumas outras palavras como ÁRVORE e ÔNIBUS já fazem parte do léxico inicial da criança, independentemente disso, o que constituiria, aqui, um problema teórico a ser resolvido.

Em relação à aquisição do acento, a avaliação do adulto da produção da criança terá papel fundamental na aquisição. O adulto, munido do seu conhecimento linguístico sobre o formato prosódico-lexical padrão, corrigirá a criança que não pronunciar esse formato da maneira esperada, reforçando na criança a necessidade de uma produção proparoxítona. A criança, por sua vez, diante da necessidade, aprende a produzir o vocábulo integralmente dentro de seu padrão

prosódico-lexical, e a repetição desse processo fomenta o estabelecimento do formato proparoxítono no repertório fonológico da criança em fase de aquisição.

2.2 INATISMO

O inatismo em Linguística foi cunhado originalmente por Chomsky (1959), uma resenha ao trabalho de Skinner. A teoria inatista defende que a linguagem nasce com o próprio indivíduo, herdada biologicamente. Os aspectos linguísticos partem da existência de uma gramática universal, que rege todas as línguas e que vem preenchida por princípios (o que existe em todas as línguas) e programada para marcar parâmetros (o que é específico de cada língua) estabelecidos.

Numa perspectiva inatista, as proparoxítonas seriam estabelecidas durante a aquisição da linguagem, num esquema de sim e não, conforme os parâmetros da língua; em línguas como o português, o parâmetro de acento proparoxítono marcado é o sim, em línguas como o francês, o parâmetro será não. A explicação para a produção não padrão nos estágios iniciais seria, para o inatismo, que o padrão acentual será o mesmo em todas as línguas. Baia (2008), por exemplo, levanta a questão de qual seria o formato prosódico inicial universal, ao identificar o padrão iambo (dissílabo oxítono) ou troqueu (dissílabo paroxítono) no PB, no PE e em outras línguas românicas, germânicas, entre outras. Em outras palavras, numa perspectiva inatista, o acento oxítono e paroxítono são universais (estando incluídos nos princípios) enquanto os demais variam de língua para língua (estando, assim, incluídos nos parâmetros).

Todos os trabalhos brasileiros sobre o papel do acento na aquisição da linguagem são de orientação teórica inatista e se situam a partir de teorias fonológicas pós-gerativistas. Abordarei essas teorias mais adiante.

2.3 COGNITIVISMO

O cognitivismo é uma perspectiva teórica alternativa à de Chomsky e à de Skinner para o desenvolvimento da linguagem. Foi originalmente estabelecido por Piaget (1961 apud SCARPA, 2004; DEL-RE, 2006). Segundo essa perspectiva, a linguagem atua em conjunto com a memória, com a afetividade, a inteligência, de maneira interdependente. A linguagem surge no momento em que a criança passa a fazer representações simbólicas e a extrapolar os signos. A linguagem

seria uma dessas representações, emergida no momento em que a criança alcança uma maturidade cognitiva para tal.

Nessa perspectiva, o léxico proparoxítono seria muito limitado. A sua aquisição não se daria em momentos iniciais e seria mais recorrente em vocábulos mais simples de se instalar em um sistema simbólico, ou seja, que estejam acessíveis ao sistema conceptual da criança, como ÁRVORE, ÓCULOS, enquanto palavras como MÁGICA e TRIÂNGULO surgiriam depois.

O padrão acentual adulto dependeria da maturidade da criança para produzi-lo. Assim, em uma perspectiva inatista, a produção proparoxítona é rara até os dois anos porque a criança não está cognitivamente madura para produzir um acento proparoxítono, o que a leva a mudar esse modelo prosódico, produzindo outro ao qual ela já está cognitivamente madura para produzir.

2.4 INTERACIONISMO

O interacionismo em AL é originário da proposta teórica de Vigotsky (1979; 1984 apud SCARPA, 2004; DEL-RÉ, 2006; TEIXEIRA, 2012b). Nessa perspectiva teórica, o meio tem papel fundamental na produção da criança. Quanto mais o adulto interage com a criança, maior será a produção dessa criança. Importante ressaltar que Vigotsky, que era psicólogo, também era cognitivista como Piaget, mas numa perspectiva sociocognitivista, ou seja, a perspectiva segundo a qual os elementos que estão dentro da mente humana são construídos socialmente (KOCH; CUNHA LIMA, 2004).

São relativamente minoritárias as teorias interacionistas para a aquisição do sistema fonológico de uma língua. A grande maioria dos trabalhos interacionistas se desenvolve no sentido de pesquisar a atribuição de sentidos, o desenvolvimento semântico-lexical, as categorizações e algumas questões gramaticais quando presumirem uma relação sentido-significado-forma, de modo que nenhuma das teorias sobre o desenvolvimento fonológico se enraizaram numa perspectiva interacionista.

Ainda assim, é possível presumir questões como a influência do ambiente na produção mais precoce ou mais tardia de um determinado traço fonético, ou de uma determinada estrutura silábica, a depender do grau de imersão da criança num determinado ambiente em que esse traço fonético ou essa estrutura silábica estejam presentes. Trabalhos como o de Teixeira e Davis (2002)

já demonstram que a maior ou menor incidência desses elementos na língua adulta culminam no surgimento mais ou menos prematuro desses mesmos elementos na aquisição. A contribuição teórica do interacionista seria colocar esses elementos na interação adulto-criança, com o importante papel da compreensão mútua.

No caso das proparoxítonas, o vocábulo precisa fazer parte do ambiente cultural da criança para emergir. As palavras precisam ser familiares, e o adulto tem o papel de retificar ou ratificar as produções, padronizando o acento. Nesse sentido, palavras como *ÁRVORE* e *PRÍNCIPE*, comuns ao universo infantil em atividades como contar e ouvir histórias, por exemplo, tornam-se mais familiares e teriam seu padrão acentual adquirido com mais facilidade do que outros como *ÔNIBUS* – apenas presentes em crianças filhas de pais que utilizam o ônibus como principal meio de transporte – e *MÁQUINA*. No entanto, se uma teoria nesse sentido se apresentasse, teríamos um problema teórico, uma vez que *ÔNIBUS* e *MÁQUINA* foram os dois vocábulos nos dados do ERT que mais rapidamente se estabilizaram no formato padrão adulto (VARGENS, 2012, p. 50-51). Além disso, os dados em Rapp (1994) e Ferreira-Gonçalves (2010) demonstram que a dificuldade com o acento proparoxítono é generalizada para todos os vocábulos até os dois anos.

3 POSSÍVEIS OLHARES DE MODELOS TEÓRICOS SOBRE O DESENVOLVIMENTO FONOLÓGICO

As primeiras principais teorias sobre o desenvolvimento fonológico são completamente inaplicáveis a um estudo sobre a aquisição de proparoxítonas. Isso porque elas se preocuparam de maneira tal com a segmentação e a aquisição de traços que os elementos suprasegmentais viram-se sem papel. Dessa forma, as únicas teorias de desenvolvimento fonológico que podem explicar a aquisição de proparoxítonas são os modelos mais atuais, que levam em consideração as questões biológicas e cognitivas, e os modelos teóricos que derivaram da Fonologia Gerativa; estes, efetivamente, produziram teorias sobre a aquisição da prosódia da língua, como veremos adiante. Para além desses, a Fonologia Natural é aplicável ao estudo das proparoxítonas, na medida em que pode explicar os modos como as crianças mudam a estrutura suprasegmental a partir de alterações na estrutura segmental. Não tratarei da Fonologia Natural, aqui, porque não busco algo que explique o funcionamento das alterações, mas o porquê delas.

3.1 MODELOS TEÓRICOS BIOLÓGICOS

Os modelos biológicos para o desenvolvimento fonológico das crianças enraízam, como seu próprio nome diz, suas teorias na condição biológica em que se situa o ser humano. Nesse sentido, a aquisição dos sons da língua dependem de uma certa maturidade do aparelho fonador da criança, que se desenvolve na medida em que o organismo da criança cresce até próximo a uma forma adulta (TEIXEIRA, 2012b). Para inserir as proparoxítonas em modelos teóricos que colocam os erros da criança como impedimentos do sistema psicomotor, é necessário pensar na condição psicomotora da tonicidade.

Em relação à motricidade, a tonicidade se encontra teorizada por Ladefoged (1993, p. 249-250). A sílaba tônica é aquela em que o falante desprende maior energia muscular de produção, porque há um volume maior de ar expelido pelos pulmões e, logo, maior contração dos músculos torácicos, havendo, assim, maior sonoridade no som produzido. Nessa perspectiva, a proparoxítona se explicaria como um momento em que a saída do ar ocorre antes de uma sequência maior de sons a serem produzidos posteriormente, o que representa maior desprendimento muscular de produção. A partir dessa questão, a explicação para a rara realização da proparoxítona até os dois anos de idade é que ela exige manobras da sequência de articuladores relacionada à respiração que a criança ainda é incapaz de promover ou promove com dificuldade. A partir dos dois anos, a criança começa a controlar melhor seus mecanismos de fala e, conseqüentemente, a produzir vocábulos com prosódia dentro padrão adulto.

3.2 MODELOS TEÓRICOS COGNITIVOS

Locke (1983 apud TEIXEIRA, 2012b) evidencia três componentes importantes a serem considerados durante o desenvolvimento fonológico: o fisiológico, o cognitivo e o perceptual. O componente fisiológico é o responsável pelo que está relacionado ao aparelho fonador e respiratório e do desprendimento de energia muscular descrito em Ladefoged (1993); os dois seguintes entrariam como explicações para casos de exceção – crianças que produzem o acento proparoxítono antes dos dois anos e aquelas que ainda têm dificuldade com o acento proparoxítono mesmo depois de três anos.

Os modelos cognitivos dizem respeito à explicação da aquisição da fonologia da língua através do ambiente de escuta – e conseqüente percepção – da criança (TEIXEIRA, 2012b). Dentro desses modelos, a aquisição da proparoxítona seria uma conseqüência do grau de convivência da

criança com essas palavras e com esse padrão acentual. Nesse sentido, contribuem para uma explicação cognitiva os trabalhos de Cintra, Albano e Consoni (1997; 2001; 2006 *apud* BAIA, 2008), segundo os quais o número de proparoxítonas é menor em português, em relação às oxítonas e paroxítonas. Dessa forma, a criança é pouco exposta ao acento, o que a faz construir esse padrão acentual em sua mente de forma mais demorada do que os outros dois.

3.3 TENDÊNCIAS PÓS-GERATIVISTAS

Os modelos teóricos pioneiros em destacar as questões suprasegmentais foram os pós-gerativistas, especialmente o modelo da Fonologia Não-Linear, um desdobramento da teoria de Chomsky e Halle (1968). Nas palavras de Teixeira (2012b, p. 11), “esses modelos conseguem [...] abarcar efeitos fonológicos da sílaba e da palavra [...] além de tratar fenômenos previamente não tratados de forma detalhada – como a estrutura interna das sílabas”. Talvez devido a esse olhar pioneiro, uma grande gama de trabalhos sobre a aquisição da prosódia no PB tem se direcionado numa perspectiva inatista e filiam-se a esses modelos todos que fazem pesquisa sobre esse tema – Ferreira-Gonçalves (2010) cita uma série de pesquisadoras que já se dedicaram a esse campo de estudos: Ana Ruth Miranda, Carmen Hernadorena, Carolina Mezzomo, Fátima Baia, Gilsenira Rangel, Letícia Ribas, Raquel Santos. As pesquisas geralmente se fundamentam na Fonologia Não Linear como a teoria de aquisição. Nas teorias fonológicas, destacam-se a Fonologia Lexical, a Fonologia Autossegmental e os modelos fonológicos não lineares, destacadamente as Fonologias Métrica e Prosódica.

Por derivarem da Teoria Gerativa, esses modelos – e, conseqüentemente, os trabalhos neles inseridos – seguem sempre uma perspectiva inatista em AL. Assim, em uma perspectiva em que a linguagem nasce, biologicamente, por herança genética, com todos os seres humanos, e que, ao mesmo tempo, a aquisição se dá de igual forma para todos os indivíduos e em todas as línguas, entender-se-á que os padrões prosódicos na aquisição são os mesmos em todas as línguas.

Essa forma de olhar para o objeto de pesquisa é encontrada, por exemplo, no trabalho de Baia (2008), destinado à busca de um formato prosódico inicial que seja padrão (ou *default*). Baia levanta diversas pesquisas já realizadas em diversas línguas e coloca a sua própria pesquisa em comparação. Seu principal objetivo é esclarecer por que, em determinadas línguas e em um

trabalho de metodologia específica (experimental), o padrão inicial é o troqueu (dissílabo paroxítono), enquanto em algumas pesquisas realizadas em PB e sua própria hipótese inicial, é que o padrão inicial é o iambo (dissílabo oxítono). Ela conclui que o iambo é a tendência e o que norteia os resultados divergentes é a metodologia de coleta de dados. Em seu trabalho e suas conclusões, Baia demonstra não cogitar a hipótese de haver divergência entre as línguas, uma vez que o padrão é universal. Não cabe aqui, neste momento, analisar o trabalho desenvolvido por ela; a questão aqui é que todo o trabalho é norteado previamente pela premissa de que existe uma produção prosódica inicial que é universal, sem que se cogite o contrário.

O primeiro trabalho conhecido que se deteve às proparoxítonas na aquisição da linguagem foi o de Ferreira-Gonçalves (2010). Antes deste, há apenas o de Raquel Santos (2001), sobre o acento primário em língua portuguesa. Ferreira-Gonçalves se ancora na Teoria da Otimalidade Conexionista e vale-se de conceitos cunhados pela Fonologia Métrica e incorporados pela Fonologia Prosódica; em análise de dados, ela detecta que a criança pesquisada, em uma faixa etária inicial, muda o formato prosódico de todos os vocábulos, até que, aproximadamente com 2;10 (dois anos e dez meses), a criança passa a mudar o formato prosódico apenas de palavras que também se alteram na fala adulta. Ela explica esse fato através da extrametricidade: a criança tem dificuldade com a sílaba extramétrica. Santos (2001) chega a conclusões parecidas em relação à classe dos nomes. Em modelos fonológicos não lineares, a sílaba extramétrica é uma sílaba que não se aplica à regra fonológica do pé linguístico binário (iambo ou troqueu), sendo necessária a construção de um pé ternário ao qual esta sílaba servirá de margem.

O que é importante salientar do trabalho de Ferreira-Gonçalves e o de Baia é que a produção não proparoxítona ocorre por esse ser um padrão prosódico ainda não existente na criança antes dos 2 (dois) anos de idade, uma vez que a criança não aplica extrametricidade e os padrões prosódicos universais, constituintes em todas as línguas são. Baia não chega a discutir a questão das proparoxítonas e da extrametricidade, sua contribuição é que ela atribui as mudanças no formato prosódico ao padrão iâmbico inicial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual teoria melhor explica a aquisição das proparoxítonas? Ainda não é possível responder. Os trabalhos sobre esse tema são, ainda, muito lacunares. O que busquei fazer, aqui, foi identificar o olhar que cada teoria lançaria sobre o objeto de pesquisa.

Para confirmar os pressupostos dessas teorias, seriam necessários estudos aprofundados sobre elementos adjacentes à produção das proparoxítonas. Para um estudo do modelo biológico, por exemplo, seria necessário gravar as produções e analisá-las acusticamente, além de estudar todo o aparelho fonador infantil e também adulto durante a produção de um vocábulo proparoxítono. Para os modelos cognitivistas, seria necessário observar as reações da criança a estímulos padrão e não padrão; observar a consciência do acento por parte da criança, através de testes de reconhecimento dos vocábulos padrão e não padrão. Para as teorias de desenvolvimento linguístico, seria necessário conhecer todo o ambiente de escuta em que as crianças estão inseridas, para averiguar os fatores culturais, a frequência de uso das palavras proparoxítonas pelos comunicantes adultos, os esquemas de compreensão das produções proparoxítonas (padrão) e não proparoxítonas (não padrão) na interação adulto e criança.

As teorias pós-gerativistas acabam ganhando algum destaque, não porque fatidicamente elas são mais bem sucedidas que as outras, mas porque todos os pesquisadores que se dedicam ao tema da aquisição prosódica filiam-se a elas – logo, ainda não surgiu uma proposta alternativa. Além disso, nas pesquisas desenvolvidas nesse contexto, a teoria precede os dados e os dados devem se direcionar para os pressupostos da teoria. Para confirmar essas teorias, é necessário um conhecimento amplo da situação da aquisição das proparoxítonas em diversas outras línguas faladas pelo mundo, em diferentes culturas, em diferentes troncos linguísticos, com metodologia controlada e que permita um contraste.

Para caminhar para uma resposta, alguns pedaços separados dessa peça precisam se juntar. Temos, já, dados sobre as proparoxítonas na fala da criança que está adquirindo o português como língua materna (RAPP, 1994; BAIA, 2008; FERREIRA-GONÇALVES, 2010; VARGENS, 2012). Temos, também, dados sociolinguísticos, sobre as proparoxítonas na fala adulta (ARAGÃO, 2000; SILVA, 2006; CASTRO, 2008; LIMA, 2008; SILVA FILHO, 2010). Temos, já, dados numéricos, sobre a frequência de ocorrência dos vocábulos proparoxítonos (CARAÚJO et al, 2007; BAIA, 2008). Conectar e contrastar esses dados é fundamental para verificar se há ou não, e em que grau, influência do contexto social e cultural do léxico na aquisição das proparoxítonas.

Além de conectar esses dados, será de muito valor uma coleta de dados com metodologia específica e observação minuciosa para que crianças demonstrem quais palavras proparoxítonas lhes são familiares. Também será de muita valia verificar se a criança tem uma real dificuldade com a produção do acento proparoxítono ou se a não produção é apenas uma tendência estatística, além de se investigar o que fomenta as paroxitonizações (a estrutura silábica, recuperabilidade do vocábulo-alvo, maior convivência com um padrão e não com outro); tudo isso nos ajudará a compreender melhor se a proparoxítona na fala infantil é intrinsecamente linguística ou se têm ligações externas. Talvez, então, um pesquisador futuro acrescente constructos, complementos, edifique a discussão e possibilite conclusões mais abrangentes.

REFERÊNCIAS

- BAIA, M. F. A. *O modelo prosódico inicial do português: uma questão de metodologia?* 1v. 168f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos.
- CARVALHO, M. P. *Estudo da síncope nas proparoxítonas no português falado em Dourados*. 1v. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2010. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elza Sabino da Silva Bueno.
- CASTRO, V. S. A redução de proparoxítonas no português popular do Brasil: estudo com base em dados do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). *Estudos lingüísticos*, São Paulo (SP), v. 37, n. 2, maio-ago, 2008.
- CHOMSKY, N. *A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*. *Language*, 35, n.1, 1959.
- CHOMSKY, N; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Nova Iorque (EUA): Harper and Row, 1968.
- DEL-RE, A. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: _____ (Org.). *A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolingüística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FERREIRA-GONÇALVES, G. Aquisição prosódica do português: o acento em suas formas marcadas. *ReVEL*, s.l., v.8, n.15, 2010.
- KOCH, I. V.; CUNHA LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sóciocognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIN, F. (Org.). *Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez Editora, 2004
- LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. 3.ed. Orlando, Florida (EUA): Harcourt Brace Jovanovich, [1993]. p. 243-257

LIMA, G. O. *O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano*. 1v. 216f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2008. Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães.

RAPP, C. *A elisão das sílabas fracas nos estágios iniciais da aquisição da fonologia do português*. 1v. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Reis Teixeira.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v.2. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA FILHO, E. B. *Uma descrição das proparoxítonas na variedade não-padrão de Jaboatão – PE*. 1v. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stella Telles.

SILVA, A. P. *Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense*. 1v. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora.

TEIXEIRA, E. R. Capítulo 06 - A Aquisição da Fonologia e os Processos de Simplificação Fonológica. In: _____. *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <http://www.novomoodle.ufba.br/pluginfile.php/53525/mod_resource/content/1/CAP%C3%84DTULO%20%205.pdf>. Acesso em: fev. 2014. [a]

TEIXEIRA, E. R. Capítulo 08 – Modelos teóricos sobre o desenvolvimento linguístico e sobre a aquisição fonológica. In: _____. *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*. Salvador: UFBA, 2012. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/8909/CAPITULO_08.pdf>. Acesso em: fev. 2014. [b]

TEIXEIRA, E. R.; DAVIS, B. Padrões fonéticos e influência da língua ambiente na aquisição da fala de duas crianças falantes do Português Brasileiro. In: TEIXEIRA, E. R.; BRITO, C. M. C. *Aquisição e ensino-aprendizagem do Português*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará – EDUFPA, 2002.

VARGENS, A. M. *Aquisição de proparoxítonas: um estudo com base em dados do ERT*. 1v. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Tereza Sobrinho da Silva.



Submissão: 10 de junho de 2015
Avaliações concluídas: 13 de julho de 2016
Aprovação: 13 de julho de 2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

VARGENS, Arthur Moura. Aquisição De Proparoxítonas: Questões Teóricas. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 17, N. 01, p. 294-308 de 415, jan./jun., 2017. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >